



LIBERA...

INFORMATIVO DO CIRCULO DE ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
PARTICIPAÇÃO DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL/SP - C. P. 2066 - CEP 01060-970 - SP/SP

AS TRÊS BOCAS DO LOBO

A prática sempre foi clara ainda que jamais declarada: quem está no poder, quer mais poder. E, para chegar ou se manter lá é capaz de fazer tudo: vender o irmão, trair o amigo, matar o vizinho. Impulso irreprimível, fome insaciável, o poder é o afrodisíaco dos impotentes.

Alguns idealistas célebres lançaram a velha teoria da divisão do poder. Esta seria a melhor forma de administrá-lo. Assim, o Poder Executivo seria controlado pelo Poder Legislativo e o Poder Judiciário ficaria de olho nos outros dois. Os idealistas imaginaram o animal político perfeito: um lobo de três bocas. Na hora da fome, cada boca impediria as outras de comerem além de sua porção correta. *Cuique suum*. A cada um o seu.

Mas os que vêm sendo devorados, através dos séculos, teimam em não perceber nenhuma vantagem nesse monstro de tríplice mordida. O fato é que, no Brasil, o Poder Executivo executa a nação com imenso apetite: a saúde do país está em coma; o ensino, em estado de burrice avançada; a polícia, cada vez mais assassina; a distribuição da riqueza, sempre mais criminosa. No caso do governo FHC, o Executivo ganhou um discreto charme intelectual, uma fluidez verbal e um brilho universitário que o tornam quase irresistivelmente acaciano.

Já o Poder Legislativo continua legislando em favor do próprio bolso. No Brasil, o polí-

tico é o menestrel da corrupção, aquele que canta em benefício próprio e se vende sem crise de consciência. O político não tem consciência. Recebe um mandato do povo e faz desse mandato um balcão de negócios junto ao Poder Executivo. Em nosso país, o político é o "abusuário" de mordomias, um traidor contumaz e um traficante de influências. As exceções apenas confirmam a regra.

No caso do Poder Judiciário, estamos diante de um melodrama de tribunal: fala-se muito, mas as cartas estão marcadas. Não existe sociedade mais injusta que a brasileira. Aqui, morre-se de fome ao lado dos silos, onde toneladas de cereais apodrecem. Aqui, subvive-se em favelas e há latifúndios que podem ser percorridos durante um dia inteiro. Este é o país onde o ladrão de galinha recebe muitos anos de cadeia e o banqueiro que desvia bilhões recebe ajuda do Poder Executivo, aplausos do Poder Legislativo e *habeas corpus* do juiz de plantão. Não há como negar: a justiça tarda, falha, e é cega. Mordido pelas três bocas do lobo, o cidadão: eleitor, contribuinte, consumidor esperneia e se desespera. No horizonte, alguns vislumbram a utopia de uma sociedade justa.

IDEALPERES

Quem ocupa este mês o nosso cabeçalho é o jovem Ideal Peres, então com 26 anos. No dia 16 de agosto, relembramos um ano de seu falecimento. A saudade continua grande e a falta que o "velho" faz, maior ainda.

O jogo da subversão é mais prazeroso do que as drogas que o capital oferece, para transformar os revolucionários em robôs. Luta Autônoma

AS BOCAS

LUTA AUTÔNOMA

Muita gente nos pergunta, faz tempo: o que é Autonomia? Quem são os autônomos? Antes de mais nada, é preciso dizer que “autônomo” significa “que ou quem a si mesmo governa”. Por isso, as mobilizações dos grupos autônomos têm sempre o indivíduo como protagonista, em contra-posição às organizações hierárquicas e autoritárias.

A Autonomia não é uma ideologia, nem mesmo uma política, mas uma alternativa à política. O certo é que se trata da única tendência revolucionária que não se deixou rotular, monopolizar ou rebocar por velhos dogmas, clichês ou hábitos. A Autonomia se define como anticapitalista e anti-autoritária, e combate sem tréguas o patriarcado, o capital, o estado e todas as opressões ditas específicas.

Reconhecemos o papel desempenhado pelos autênticos revolucionários comunistas e anarquistas na luta contra o sistema capitalista. Nosso modelo e objetivo é a sociedade livre, sem classes, sem estado e sem capital; a sociedade autogerida, cujo princípio regulador é: de cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades.

No sentido amplo, somos milhões: operários desempregados ou precarizados, estudantes sem futuro, presos, camponeses arruinados, imigrantes, ocupantes, insubmissos, gays e lésbicas, prostitutas, grupos solidários, enfim, todos os setores que se encontram à margem do sistema capitalista. São autônomos os que se situam fora e contra as engrenagens do poder, com seus três mecanismos de controle: instituições totais (caserna, escola, fábrica, sanatórios, hospícios, pe-

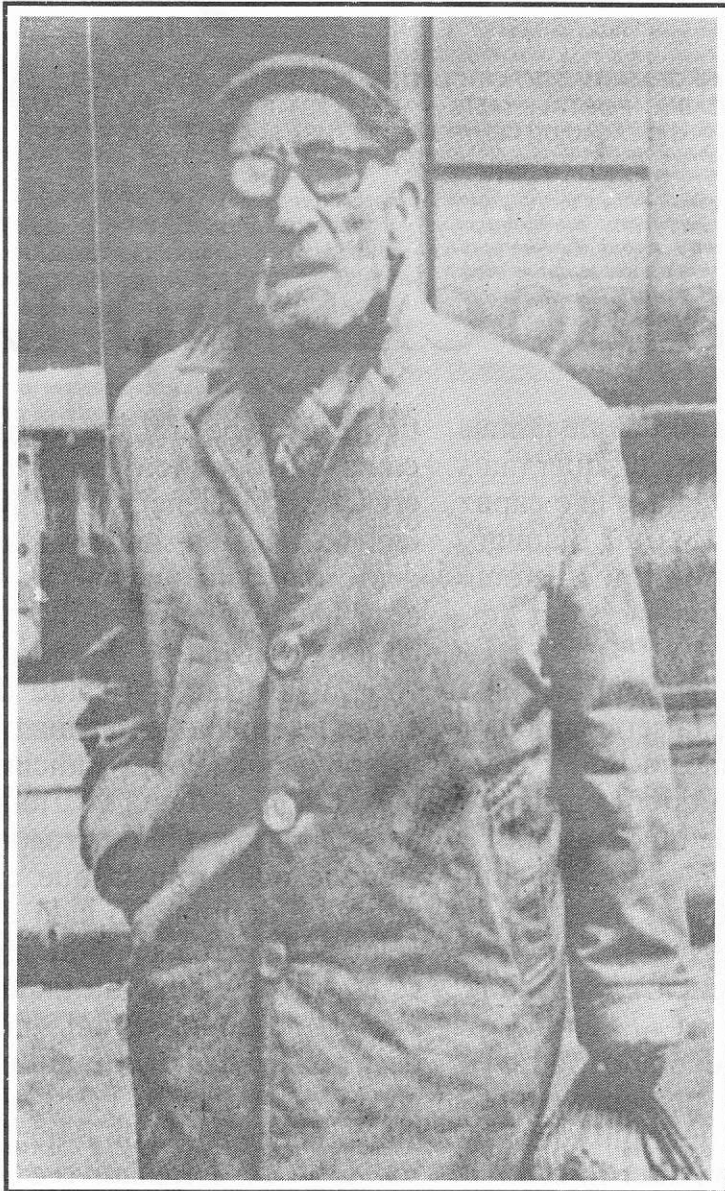
nitenciárias, etc.), partidos e sindicatos. No capitalismo, todos esses setores estão condenados à pobreza e à marginalização.

Concretamente, autônomos são os coletivos e individualidades que se propõem viver a Revolução hoje, sem esperar diretivas de ninguém, sem aceitar a direção das vanguardas autoproclamadas, cujo dogmatismo e autoritarismo serve apenas para manter a exploração com outro nome.

A Autonomia é uma rede de grupos que atuam solidariamente com os presos, ocupantes, insubmissos, coletivos operários de fábrica e estudantes, de contra-informação e ação direta, entre outros movimentos sociais libertários.

Viver a revolução agora é liberar espaços, incentivando o ócio autogerido e superando o medo institucionalizado; é atacar os burgueses, reapropriando a identidade na rebeldia, na criatividade e na solidariedade com os que lutam pela destruição do capital.

Um autônomo jamais diz: “filia-te ao nosso grupo.” Isto porque os autônomos não se julgam donos da verdade. Mas um autônomo diz: “Se queres mudar a tua vida e transformar a sociedade, organiza-te e luta.”



La LLetra A, n° 46 - jan. / fev. 1996

Assinatura semestral de apoio (R\$ 7,00); pacote de 10 Liberas (R\$ 2,00); adesivo contra a pena de morte (R\$ 1,00); revista *Utopia*, n° 4 e 5 (R\$ 2,00 - cada); livros (solicite tabela).

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o CELIP. (Aceitamos selos, dinheiro ou chequemonial.)

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião do Coletivo Editorial do CELIP.

AUTONOMIA & ORGANIZAÇÃO

POR AUTONOMIA entendemos uma luta pela transformação social, que realizamos desde a auto-organização como setores explorados. A evolução tecnológica dos meios de produção acarretou uma reestruturação do sistema capitalista. Faz-se necessária uma redefinição do conceito de classe social. O trabalhador não é mais o operário de fábrica, característico do século XIX e começos do século XX, nem, tampouco, o operário qualificado ou o operário-massa das grandes indústrias que se desenvolveram até os anos 60. Atualmente, o conceito de classe operária, além de incluir os já tradicionalmente considerados trabalhadores, abrange também os desempregados, os trabalhadores eventuais e os da economia submersa, os trabalhadores imigrantes, os terceirizados e todos aqueles que, mesmo não tendo um vínculo jurídico de dependência com o capitalista, produzem mais-valia.

A organização que tem como finalidade a transformação social deve adequar-se às novas realidades, levando em conta que as velhas organizações dos trabalhadores não mais atendem às expectativas de luta do operário social (denominação da nova definição do proletariado). Uma organização revolucionária tem de considerar, a todo momento, qual é a realidade social em que atua, analisar a estrutura de classes vigente e designar o sujeito da transformação social. Se isto não acontece, a teoria se afasta da prática social, alienando-nos da realidade e nos impedindo de transformá-la.

Organização: Queremos uma autêntica ruptura com o sistema capitalista, lutamos por uma sociedade sem classes, sem hierarquias, que tenha abolido a família patriarcal, por uma convivência livre e respeitosa com a natureza. Para ajustar-se aos objetivos apontados, nossa organização deve ser assembleária, na qual sejam respeitadas todas as posições e se busque o consenso possível. Somos contra os profissionais da política, os líderes, os aspirantes a ditadores do proletariado e outros infalíveis coveiros da revolução social. Combatemos as delegações permanentes, a burocracia e todos os demais mecanismos de representação/alienação do protagonismo dos trabalhadores. O fato de pagar uma quantia periodicamente não é suficiente para o compromisso orgânico, isto é, militante. É preciso assumir responsabilidades. Ser autônomo é ser ativo.

Ideologia aberta: A visão libertária dos problemas e das soluções tem mudado, com o passar do tempo. A um mesmo problema têm sido dadas respostas diferentes, em função do contexto histórico, econômico e social. Portanto, mantendo nossos princípios e sem perder de vista nossos objetivos, construímos e desenvolvemos nossa ideologia no cotidiano, através da constante discussão e análise dos temas sociais. Este método nos facilita o reconhecimento, no interior do movimento libertário, de uma questão essencial: o respeito à diversidade.

A diversidade: No interior do movimento libertário são apresentadas diversas soluções (quanto aos meios) para o problema do encaminhamento das lutas. É necessário respeitar essa diversidade, para que a organização acolha as diferentes visões e supere o tradicional sectarismo, que, fazendo referência a uma suposta pureza dos meios, conduz ao dogmatismo e à inoperância.

Os símbolos: Os símbolos, como as palavras, significam alguma coisa. Consideramos equivocadas as teses que falam de superação das contradições mediante a supressão de todo símbolo, pois prescindir deles seria como prescindir das palavras. O que devemos fazer é rechaçar os símbolos que tenham uma carga histórica pejorativa e de desunião. Há quem utilize determinados símbolos para

autojustificar seus delírios e defender seus micro-espacos de poder, confundindo a liberdade com uma tirania da própria personalidade sobre a dos demais.

Pensamos que a “estrela negra” é o símbolo adequado para superar antigas contradições, além de expressar abreviadamente o movimento autônomo.

Coordenação: Desde cada coletivo organizado, cada localidade, devemos coordenar-nos para obter uma resposta global ao sistema capitalista. As lutas pela transformação social exigem coordenação; sem esta não há possibilidade de ruptura com o sistema.

A coordenação se traduz, na prática, em posturas unitárias quanto aos temas e lutas que nos são comuns. Havendo opiniões divergentes, o movimento terá de ser flexível o bastante para que cada coletivo faça o que achar mais conveniente. Desta maneira, evitamos cair em uma organização fechada, dogmática e autoritária, o que nos faria perder o contato com as lutas sociais.

Perspectivas: Nossa luta deve assumir o conceito de autovvalorização, isto é: a luta pela recuperação de nossa vida para nós mesmos, não uma vida submetida e explorada pelo capital. Por isso, consideramos o trabalho assalariado uma imposição do sistema capitalista. Portanto, não elogiamos o mundo do trabalho, o mundo da fábrica, pois seria elogiar o número de horas em que somos parte da engrenagem do capitalismo.

Nossa luta é, também, pela recuperação do máximo possível do resultado de nossos esforços para nós mesmos. Seja em forma de salários (mesmo que venham a ser absorvidos pela inflação), seja em forma de seguro-desemprego, transportes gratuitos ou reapropriação direta de nossa força de trabalho. Assim, cabe mencionar, a título de exemplo, que, segundo estudos recentes, 70% das mercadorias “roubadas” nos estabelecimentos comerciais são reapropriadas pelos próprios empregados.

Devemos estar presentes em todas as lutas econômico-sociais, impulsionando a auto-organização, explicando nossos pontos de vista e respostas aos problemas concretos, assim como a extensão das lutas anticapitalistas. Isto é, a difusão da idéia de que, dentro do sistema, as únicas soluções possíveis são meros embustes. O mal está no próprio sistema capitalista, que temos que destruir.

Portanto, temos que expressar nossa solidariedade com todas as lutas anticapitalistas do mundo inteiro. Aproveitamos para combater outra forma de dogmatismo, que consiste em transpor mecanicamente as formas de luta ocidentais e a interpretação ocidental do que seja “libertário” a outras regiões do planeta, que desenvolveram formas de auto-organização e visões anti-hierárquicas próprias (índios dos EUA, aldeias livres centro-americanas, etc.).

Para terminar, assinalamos alguns temas que consideramos essenciais em nossa luta: insubmissão ao serviço militar obrigatório, FMI, crise econômica, denúncia da repressão às lutas sociais, contra-informação, internacionalismo anticapitalista, combate às estruturas patriarcais, etc. Em todas as lutas, ressaltamos que o denominador comum, o responsável por todos os problemas é o sistema capitalista.

Esta é uma tomada de posição que não quer constituir nenhuma teoria pronta e acabada. Portanto, está aberta a toda crítica solidária. Finalmente, enfatizamos que a autocrítica é essencial para o avanço na construção de uma relação criadora entre teoria e prática.

PRESOS POLÍTICOS, AINDA UMA TRÁGICA REALIDADE BRASILEIRA

Eduardo Paz e Horácio Henrique Paz (argentinos), Maria Emília Marchi Badilla, Sérgio Olivares, Pedro Fernandez Lembach, Ulisses Gallardo Acevedo e Herman Tapia Collante (chilenos), Cristine Lamont e David Robert Spencer (canadenses) e o brasileiro Raimundo Rosélio Costa Freire seqüestraram, em dezembro de 1989, o empresário Abílio Diniz. Todos, com exceção do casal de canadenses, eram do MIR (Movimento de Esquerda Revolucionária) do Chile. O dinheiro arrecadado seria enviado para a guerrilha de El Salvador, segundo atesta Jorge Castañeda no livro *Utopia Desarmada*. Apesar de não ter havido morte ou terrorismo no ato (não foi provocado terror à população) e de serem primários, foram condenados a penas de 28 anos.

Encarcerados há quase sete anos, sofreram isolamento de 15 meses, torturas atrozes. Maria Emília, por exemplo, sofreu choques elétricos na vagina e nos seios, e quando gritava era asfixiada com colheres de sal, tendo ficado por isso com sérios problemas respiratórios.

Hélio Bicudo, deputado federal (PT-SP) e jurista renomado, considera as penas exarcebadas, e a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, por unanimidade, acolheu este parecer. O deputado Nilmário Miranda (PT-MG), presidente da citada comissão, enviou carta a Fernando Henrique Cardoso relatando aquela decisão e pedindo a expulsão dos estrangeiros e o indulto ao brasileiro.

A Justiça agiu como se se tratasse de crime comum, esquecendo o lamentável episódio que a polícia de São Paulo armou na época, obrigando os seqüestradores a vestirem a camisa de propaganda de Lula e do PT, no intuito de associar Lula à delinquência e, assim, levar o eleitorado a votar em Collor. O próprio delegado Nelson Guimarães, em entrevista à imprensa, reconheceu que foi coagido e pressionado pelos seus superiores a "politizar" o seqüestro.

É preciso pressionar o presidente da República para que ele finalmente assuma uma posição humanitária, pois é sua a prerrogativa de indultar e de expulsar.

Comitê para a Libertação dos Presos Políticos do Brasil

ANDRÉ DE PAULA

Rua Franklin Roosevelt, 84 / 202 - Centro - Rio de Janeiro

Telefax (021) 220-7893 / 240-7665

cartas recebidas / cartas recebidas / cartas recebidas

Rio, 4 de agosto de 1996

Editores do Libera...

Sou leitora do Libera... que considero um informativo muito importante na divulgação de ideais libertários e ácratas, e de notícias da comunidade libertária. Alguns artigos muito bons, outros nem tanto.

Mas muito me decepcionou o Libera... de junho de 96. Dois artigos interessantes, um do CCS/SP e outro da FAU, e um editorial péssimo.

De início, o primeiro impacto, a foto. É foto agressiva. Até aí, tudo bem, o Libera... costuma incluir fotos agressivas. Mas esta é sexista, machista e apelativa. Não acrescenta nada, apenas propaganda, como já vem sendo propagandeado na mídia capitalista, o abuso do ser humano pelo poder e o abuso da mulher pelo homem. Até entendo que um jornal ou revista capitalista, que precisa apelar para vender e sobreviver, inclua fotos como essa, mas o Libera... não precisa disso. E foi colocada na primeira página, na folha de rosto.

Além da foto, o texto do editorial também deixa a desejar. Um tema repetido, que não acrescenta nada, em termos de posições libertárias ou anarquistas. Um editorial superficial que poderia ter sido escrito por qualquer nacionalista, democrata ou político em época de eleição.

Finalmente, a foto e o editorial não se complementam nem se justificam. O editorial se refere ao extermínio e à impunidade (tanto no título quanto no texto) e a foto é, apenas, sexista.

Não se discute o que leva uma pessoa a aparecer assim numa foto: dinheiro, prazer, comida, bebida, não importa. Mas vocês, que falam com tanta facilidade em igualdade, solidariedade, respeito, consideraram que a pessoa, independente do motivo pelo qual se deixou fotografar numa pose tão insinuante, poderia não querer aparecer dessa forma na folha de rosto do Libera...?

Qual foi o objetivo da foto? Chocar por chocar, agredir por agredir?

Os anarquistas e todos aqueles que lutam ou pelo menos simpatizam com ideais libertários têm, como primeiro desafio, retrucar a acusação de agirem de forma impensada, inconsequente, e por isso mesmo lutamos por uma sociedade igualitária, autogerida, consciente. No entanto, o editorial deixou uma imagem de inconseqüência, desrespeito e banalidade. Saudações, *Lillith*.

Companheira Lillith: Você entendeu bem! A foto foi publicada para chocar, mesmo. Mas não porque fosse um recurso "fácil" e para "vender" jornais. Aliás, foi uma republicação. E a intenção é mostrar que a exploração sexista dos jovens é permitida, aceita e estimulada (e por que não dizer gozada?) pelos respeitáveis senhores como o que aparece na foto. O tema da foto foi abordado no editorial, escrito numa linguagem simples, mas não simplória, como você sugere. Como você sabe, há texto e texto, mas este, em absoluto, é inconsequente, desrespeitoso e banal - como você afirma. Apenas, não é um texto "superproduzido", em linguagem universitária ou gongórica, se preferir. A foto não só pretende mostrar o que existe "nas internas" do poder, mas também mostra que nossa moral não é vitoriana a ponto de desconhecermos uma realidade que grita à nossa volta. Pode até ser que o espírito do "Fradim", do Henfil, tenha baixado no responsável pela publicação da foto. Quem sabe? Escreva sem pre! Volte sempre! Mande alguma colaboração! O espaço está aberto...

Saudações libertárias. A redação.

CARTA DO MEXICO

Meu nome é Heitor, tenho 31 anos e, desde os 16, optei por ser punk. Hoje, não tenho mais os cabelos multicoloridos nem ando de visual, mas continuo punk. Participei do *Coletivo Cambio Radical*, *Movimento Anarquista Libertário*, *Punk del Estado*, etc... Fui um dos que iniciaram o zine *Brigada Subversiva*, do qual saíram 11 números; colaborei com as publicações *Resistencia*, *Manifesto*, *Otro Estado de la Mente* e *Renegados*. Em 92, criamos o *Coletivo Ação Libertária* e, em 1994, formamos a *Juventud Antiautoritária Revolucionária (JAR)*. A JAR praticamente se desintegrou, após um protesto contra o MacDonald's, em dezembro/94. A lan- chonete foi destruída e nós, então, ferozmente reprimidos. Dos coletivos que integravam a JAR, restaram apenas *Luta Autônoma* e o *Coletivo Ação Libertária*, que se dissolveu no início de 95.

O *Ação Libertária* se dedicava a realizar campanhas pela libertação de indígenas presos, além de manifestações e passeatas. Eu fui eleito delegado à 2ª Convenção Zapatista, outro companheiro havia ido à 1ª Convenção. Éramos, no entanto, um grupo fictício, "flutuante", sem nenhum trabalho real com a população. Em setembro de 94, editamos uma revista (*Pensar y Querer*) que reuniu textos de Malatesta e teve tiragem de 1.000 exemplares. Atualmente, temos outra no prelo: *O que é a Anarquia*, de Luigi Fabbri, que esperamos lançar com tiragem de 2.000 exemplares.

Eu e uma companheira formamos a *Cozinha Popular*, que organiza cursos de culinária vegetariana em diferentes bairros, sindicatos e cooperativas. Ensinamos a cozinhar, mas, também, incentivamos a organização popular.

Há cerca de um ano, integramos a *Biblioteca Social Reconstruir*, onde estamos organizando caixas e mais caixas de periódicos, revistas, livros, etc... Foi neste local que conhecemos anarquistas que não são, nem foram punks; anarquistas que, na década de 70, fizeram muito. Foi assim que conhecemos a *Frente Autêntica do Trabalho (FAT)*, central sindical que há 30 anos reivindica a autogestão.

Na FAT existe a *União de Cooperativas Independentes (UCI)*. Recentemente, visitamos a primeira das cooperativas da UCI, que é de consumo e poupança. Esta possui uma "tienda" com cerca de 200 produtos, inclusive eletrodomésticos, área de 600m² e cerca de 5.000 sócios. Há pouco tempo, compraram um terreno de 500m² para vender materiais de construção. A UCI-FAT, juntas, reúnem cerca de 30.000 pessoas.

É junto a UCI que estamos atuando, realizando videodebates, aulas de culinária, conferências, círculos de leitura, tratando de explicar o que é o anarquismo a quem não o conhece teoricamente, mas o pratica cotidianamente.

Além de tudo isso, temos um programa aos sábados na *Rádio Interferência*, a única rádio pirata do México...

BSR - Apartado Postal 9090 - CP 06002 - MEXICO 1 df - MEXICO

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: LETRALVRE. CP 50083. CEP 20060-070. RIO DE JANEIRO /RJ * MUTIRÃO. CP 126049. CEP 24240-970. NITERÓI/RJ * CCS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/S * ANA. CP 78. CEP 11510-970. CUBATÃO/SP * GRAVIDA. CP 3395. CEP 82001-970. CURITIBA/PR * MLPL. CP 1833. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * CCL. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉM/PA * AÇÃO COLETIVA. CP 230. CEP 85851-970. FOZ DO IGUAÇU/PR * ULBS. CP 2137. CEP 11051-970. SANTOS/SP * AFIM. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * COB. CP 7597. CEP 01064-970. SÃO PAULO/SP * UNI-LIVRE. CP 03668. CEP 70084-970. BRÁSILIA/DF * COLETIVO LIBERTÁRIO. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * FAG. CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS.

...AMORE MIO